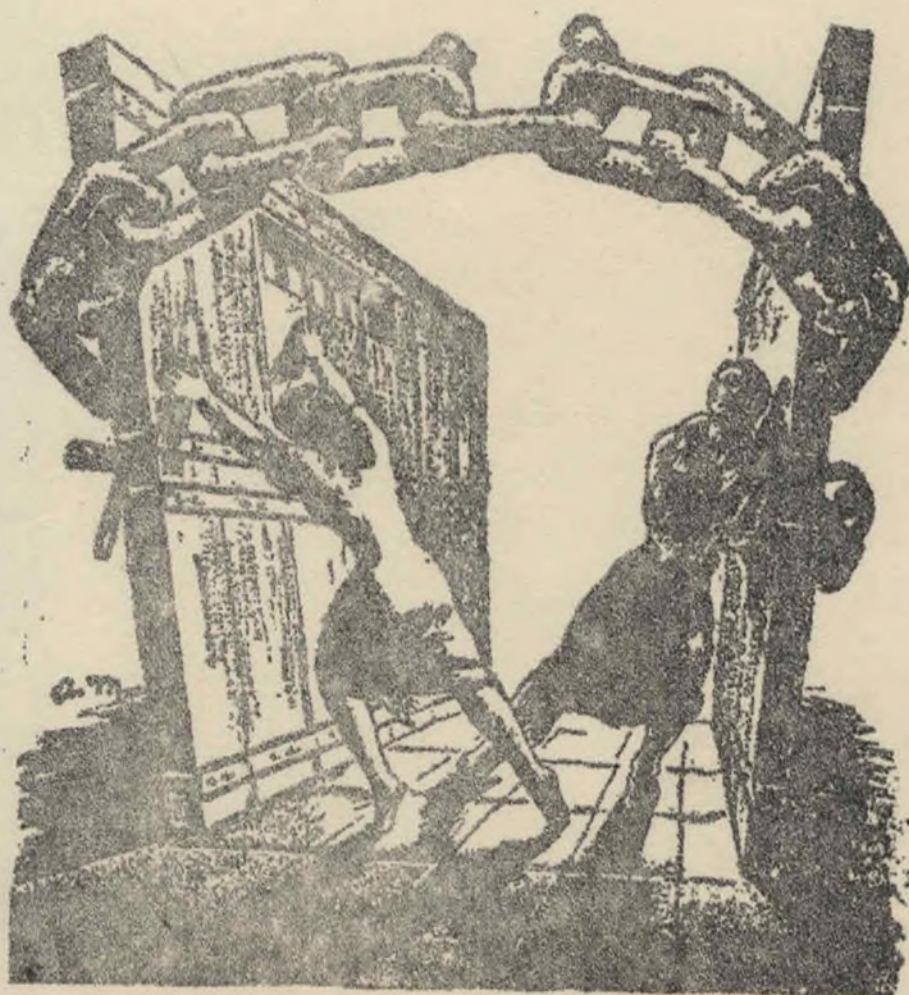


**AS MULHERES  
PORTUGUESAS  
NA LUTA PELA  
LIBERDADE**



EMISSAO DE " A VOZ DA LIBERDADE " NO DIA 8 DE MARÇO

JORNADA INTERNACIONAL DA MULHER

PORQUE SOFREM E LUTAM AS MULHERES EM PORTUGAL

Para as mulheres portuguesas, a jornada do 8 de Março fala-lhes sobretudo da sua posição no dramático conflito que se trava entre o fascismo e o Povo Português.

Porque sofrem e lutam as mulheres em Portugal?

Terão elas, hoje, sob o Governo de Marcelo Caetano, menos razões para compreender e sentir toda a extensão e profundidade daquele conflito?

Serão elas hoje, mais poupadas pela dominação fascista, pela sua política colonialista?

Tudo nos diz que assim não é.

Para as operárias portuguesas continuam os baixos salários e a desigualdade de salários. A falta de protecção no trabalho continua a ser a regra, assim como o esgotamento desumano das suas energias num labor imposto em cadências infernais, e como nenhum outro, exposto aos impiedosos ritmos da produtividade.

Com Marcelo Caetano nada se alterou na situação da mulher trabalhadora portuguesa. Nem a catastrófica subida do custo de vida com a miséria que espalha nos seus lares, de que elas são o principal timoneiro que empunha o leme do salário familiar dia a dia mais desvalorizado. Nem a incultura. Nem o atraso social. Nem a demagogia, com todo o impudor reaccionário a exercer-se sobre os seus direitos cívicos fundamentais, através duma lei eleitoral de circunstância, criada única e exclusivamente para mobilizar certos sectores femininos em favor da política fascista.

A repressão continua a ser o eco das lutas reivindicativas, como das lutas políticas das trabalhadoras e anti-fascistas portuguesas.

Aos anseios de realização através da cultura e do desenvolvimento integral das nossas estudantes, responde a perseguição repressiva sistemática.

Nada mudou para a situação da mulher portuguesa. Nem o luto, nem os espinhos da guerra colonial cravados nos seus corações de mães de jovens esposas, noivas, irmãs.

O fascismo não voltou uma página da sua história com o desaparecimento de Salazar, em relação à situação da mulher portuguesa, dos seus direitos de cidadã, de mãe, de trabalhadora. Esta realidade é posta a nu pelas recentes e vigorosas lutas reivindicativas de mulheres que apontam o fascismo e seu governante Marcelo Caetano como responsáveis pela amargura do seu dia a dia de trabalho.

Através das múltiplas formas de protesto com que continuam a repudiar e a condenar as guerras coloniais, elas interpretam com o nosso Povo e as forças democráticas, o sentido da imensa maioria da Nação.

E é o elevado nível de organização das suas lutas, testemunho iniludível da sua capacidade criadora e de realização, que denunciam a humilhante condição de inferioridade em que o pensamento reaccionário oficial expresso por Marcelo Caetano, as coloca relativamente à sua autêntica promoção em matéria de direitos políticos.

A ditadura fascista de Marcelo Caetano, como síntese acabada que é, na ideologia e na acção política, do imperialismo, do colonialismo e do racismo, faz com que a luta das nossas mulheres transcenda o plano dos problemas nacionais e se integre no movimento mundial pela Paz e Progresso da Humanidade.

A presença expoliadora e insultuosa do imperialismo estrangeiro na nossa Pátria, dá-lhes uma perspectiva vivida do que deve ser a sua solidariedade humana e anti-imperialista para com o heróico povo e as mulheres do Vietnam. Permite-lhes aprender melhor toda a extensão da sua responsabilidade ao lado dos povos e das mulheres das colónias portuguesas em luta contra as guerras acesas pelo colonialismo português, com o forte e indispensável apoio do imperialismo estrangeiro e do racismo sul africano.

Nesta jornada internacional da mulher, é bem no sentido mais amplo do seu significado que as mulheres portuguesas se colocam.

Não é festiva a sua jornada. Esta é uma jornada de luta contra o fascismo, uma jornada de solidariedade com as mulheres de todo o Mundo pela defesa da Paz e da Liberdade dos Povos.

\*\*\*\*\*

HEROINAS SEM NOME QUE TÊM O NOME DE TODAS  
AS MULHERES DE PORTUGAL.

A participação das mulheres portuguesas na história do nosso Povo não se reduz apenas às figuras heróicas da Padeira de Aljubarrota ou de Filipa de Vilhena. Há outras heroínas na história dos nossos dias. Milhares de heroínas cujos nomes não vêm nos livros, mulheres portuguesas que, do Norte ao Sul de Portugal, nas fábricas, nas escolas, nos campos, por vezes nas praças e ruas da nossa terra, participam activamente na luta do nosso Povo por Pão, Paz e Liberdade. Heroínas sem nome que têm o nome de todas as mulheres de Portugal.

São as operárias conserveiras do Sul, as mulheres dos pescadores de Matozinhos, as trabalhadoras da JEFFA ou as mulheres dos operários da carris. São as raparigas da Universidade de Lisboa

de Coimbra, do Porto. São escritoras, artistas, professoras, advogadas, médicas, engenheiras. Ou simplesmente mães. As mães dos soldados que partem para a guerra colonial. As mães que já foram proibidas de chorar nos cais de embarque. São essas as heroínas sem nome de que vamos falar hoje: das mulheres de Portugal, nossas companheiras de luta nesta batalha sagrada da libertação nacional.

Lutando por reivindicações próprias ou em apoio da luta geral dos trabalhadores

\*

Nos últimos dois anos registaram-se importantes lutas de mulheres principalmente em certos sectores industriais. Lutando pelas suas próprias reivindicações ou apoiando a luta dos homens, milhares de mulheres participaram activamente na luta do Povo contra a exploração e por melhores condições de vida.

Entre várias acções que tiveram lugar, destacaram-se as concentrações, paralizações e greves realizadas pelas operárias conserveiras do Sul e de Matozinhos e pelas operárias de FEX (actual JEFFA de Alhos Vedros).

Na indústria de conservas, as operárias são submetidas a ritmos infernais de exploração. Começa-se a trabalhar a qualquer hora, quando a sirene apita, e larga-se a meio da noite, por vezes às duas da madrugada. Os horários das refeições não são respeitados.

Na União Conserveira do Algarve, a situação era agravada ainda pelo prolongamento da jornada de trabalho que chegava a durar 12 a 14 horas por dia.

As 400 operárias desta empresa decidiram fazer valer os seus direitos. Por duas vezes pararam o trabalho, recusando-se a continuar a faina para além das 23 horas. Unidas as operárias

resistiram firmemente às ameaças do patrão e concentraram-se em frente das portas, que tinham sido fechadas, como uma prisão. Ficaram dentro da fábrica até às três da manhã, mas sem pegarem no trabalho. No dia seguinte voltaram à carga e realizaram nova concentração, protestando contra o facto de as quererem obrigar a trabalhar para além das duas horas. Desde então, nunca mais voltaram a trabalhar para além daquela hora.

Na Fábrica Feu e Hermanos de Portimão, 300 operárias estiveram 7 dias em greve, para reclamarem a readmissão de um companheiro que tinha sido despedido. Piquetes de operárias estacionavam à porta da fábrica para evitar que alguém furasse a greve. Ao fim as corajosas trabalhadoras venceram: o operário foi readmitido.

Posteriormente, as operárias da Feu e Hermanos lançaram-se de novo à luta, desta vez contra o regime de empreitada. Ao fim de várias e repetidas concentrações, as operárias venceram.

Na Fábrica de confecções JEFFA, antiga FEX de Alhos Vedros, teve lugar uma importante acção na qual foi decisiva a acção e a firmeza das mil operárias que trabalham nesta empresa. Uma poderosa concentração do pessoal em frente dos escritórios obrigou a gerência desta empresa americana a pagar os salários em atraso. A presença das forças da GNR na empresa não intimidou as operárias.

Merece ainda especial relevo a participação das mulheres dos operários da Carris nas concentrações que tiveram lugar em Santo Amaro e no Arco do Cego. Ombro a ombro com os seus companheiros elas contribuíram para abrir o caminho que havia de conduzir à greve vitoriosa do mês de Junho de 1968.

No Algarve e em Setúbal - Milares de Conserveiras em greve.

A greve das conserveiras do Sul foi uma das mais importantes lutas da classe operária em 1968. Não foram apenas centenas: foram milhares de operárias que estiveram em greve.

Em Olhão, Portimão, Vila Real de Santo António e Setúbal, as operárias conserveiras formaram uma só frente de luta. A greve estendeu-se de fábrica em fábrica e de terra em terra. Transformou-se das fábricas para o mar. Transformou-se em manifestações, desfiles, choques violentos com as forças repressivas. Centenas de trabalhadores tomaram conta das ruas de Olhão. Aos agentes policiais que as agrediam, as mulheres responderam agredindo-os. O enterro de um trabalhador olhanense assassinado pela PIDE transformou-se numa grande manifestação de protesto e de cólera do Povo de Olhão. Forças da PSP e da GNR cercaram a vila. Foram igualmente cercadas as fábricas de conservas de Portimão e de Vila Real de Santo António. Eram centenas de policiais armados até aos dentes. Tanta era a força das conserveiras, tão grande era o medo que lhes metiam, a eles e ao governo, as mulheres do Algarve em luta.

Mas a coragem das mulheres não se revelou apenas no Sul. Durante a greve dos pescadores de Matozinhos, as mulheres tomaram parte activa na luta, revelando uma vez mais a sua combatividade, a sua coragem e a consciência do seu dever de mulheres de trabalhadores. Foram elas que avançaram em massa sobre a sede da PIDE, exigindo a libertação dos pescadores que tinham sido presos na véspera. Eram mais de 400 mulheres, gritando em frente da sede da PIDE, o seu desespero e a sua revolta. 400 mulheres que foram mais fortes do que as armas da PIDE. Mulheres sem medo que obrigaram a PIDE a libertar os pescadores que tinham sido presos.

Presentes nas grandes como nas pequenas lutas

Estas foram algumas das acções mais importantes em que participaram as trabalhadoras de Portugal nestes últimos dois anos. Não falamos de muitas outras lutas, por vezes obscuras, sem efeito espectacular, mas cheias de um heroísmo de que só são capazes aquelas mulheres para quem a vida é uma batalha em cada dia que passa. Não falam delas os jornais, onde só há lugar para as Jacqueline Kenedy, e outras flores de luxo e de decadência.

Mas são elas as verdadeiras heroínas da nossa terra - as conserveiras do Sul ou as mulheres dos pescadores de Matozinhos; as raparigas universitárias que se batem nas escolas e nas ruas ao lado dos estudantes, contra as forças policiais; as mães, as noivas e as irmãs que nos cais de embarque choram e protestam contra as guerras coloniais - são essas as heroínas sem nome que têm o nome de todas as mulheres da nossa terra e que não são apenas aquela segunda condição de que falou uma grande escritora francesa, mas companheiras de combate por uma condição nova, num Portugal Democrático.

## GRANDES EXEMPLOS DE MULHERES

### VIDAS CONSAGRADAS A LUTA

Hoje, 8 de Março, no Mundo inteiro, não se desfraldam apenas as bandeiras que simbolizam os êxitos das mulheres na luta pela conquista dos seus direitos. A marcha que levou à igualdade social em vários países, que se definiu na promoção das mulheres aos cargos mais responsáveis, que se exprime no mesmo nível de salários, custou sacrifícios imensos, pagos ao preço da liberdade e da vida de muitas combatentes de vanguarda. Por isso a luta da mulher e a luta do Povo se fundem num todo unico, se



fortalecem pela junção de esforços na concretização de alguns dos seus objectivos.

Centenas de mulheres portuguesas têm passado pelas prisões fascistas, suportando torturas, violências inauditas. Têm caído na luta, abatidas pelo fogo das metralhadoras, como Catarina Eufémia, ou friamente liquidadas em anos de cárcere e de privação de cuidados clínicos, como Luisa Paula.

Vidas que apontam uma direcção a milhares de mulheres que em Portugal aspiram a uma existência digna e livre.

Vidas que existiram para levar a felicidade a outras vidas, para destruir a desigualdade social e a inferioridade da mulher, para criar uma sociedade mais bela e mais harmoniosa, sem guerras e sem ódios.

Prestemos homenagem às combatentes caídas. Glorifiquemos a sua memória prosseguindo o difícil e honroso caminho que elas trilharam em vida.

#### NOMES QUE O POVO NÃO ESQUECE

\* CATARINA EUFEMIA - operária agrícola

A 19 de Maio de 1954 as balas da metralhadora do tenente Carrajola abatiam Catarina Eufémia, a trabalhadora agrícola do Baleizão. Um filho nos braços um outro no ventre. Por detrás dela estavam outros braços de mulheres que labutavam nas ceifas. Estavam outras vozes que clamavam Pão e que clamavam Paz. Por detrás de Catarina estava a voz da revolta contra as injustiças sociais, contra os salários de miséria, contra a terra mal repartida, contra a afronta das riquezas nas mãos de uma minoria parasitária. Estava a voz da revolta que paira no Alentejo, que se ergue contra os grandes senhores da terra, que se manifesta contra as violências da ditadura fascista.

Sua vida de 26 anos tornou-se um símbolo. Símbolo de firmeza.

Simbolo de coragem. Simbolo de luta. Outras mãos de mulheres seguraram a mesma bandeira e seguiram o mesmo caminho, movidas pelo seu exemplo.

\* LUISA PAULA - operária textil

A morte levou-a depois de anos de carcere. Depois de uma acção premeditada friamente posta em prática para lhe liquidar a saúde.

Quase vinte anos de luta clandestina, vividos no sacrificio, na intranquilidade do perigo. Mas vividos com uma firme confiança na vitoria que os seus olhos penetrantes não puderam presenciar. Vividos no esforço para se tornar uma mulher consciente, capaz de esclarecer outras mulheres, não apenas pela grandeza do seu exemplo, mas pela força dos seus argumentos, pela persuasão das suas palavras.

A sua integridade de character juntou, nas condições difíceis da prisão, a atitude consequente da grande lutadora que ela foi. Não fraquejou. Não renunciou à acção. Foi toda ela esse bloco de energia indomável que afronta as tempestades da luta para as vencer, para triunfar.

Prenderam-na aos 62 anos de idade. Devolveram-na à liberdade para que viesse a falecer, vitimada pelos frios processos da morte lenta, applicados pelos esbirros salazaristas.

Morreu fiel ao seu passado. Morreu fiel e grande como fora em vida.

\* MARIA MACHADO - professora primária

Maria Machado. A pequena localidade de Alvaiazere nos arredores de Coimbra ouviu pela primeira vez pronunciar o seu nome, quando forças da Guarda Republicana lhe cercavam a casa e se preparavam para prendê-la. Tinha a seu cargo uma tipografia clandestina.

tina. Antes que a levassem, Maria Machado dirigiu-se ao Povo de Alvaiazere para lhe explicar que ela era combatente de uma grande causa, ligada à vida do Povo e às aspirações do Povo. Trocou o ensino pela luta clandestina. Suportou o carcere com uma dignidade exemplar.

Deixou para os seus companheiros de luta, deixou para as mulheres portuguesas, um testamento politico que revela a grandeza da sua vida. Testamento da sua coerência, da sua fidelidade aos grandes ideais, aos quais permaneceu fiel até ao ultimo instante. A posteridade o consagrará, quando se fizer o balanço histórico dos sacrifícios e dos actos de abnegação e de heroismo que concretizaram a luta contra o regime fascista.

Maria Machado é um nobre exemplo de combatente, uma grande figura de mulher.

\* MARIA HELENA MAGRO - estudante de Direito

Maria Helena Magro. Por si descobriu o caminho da luta. A ela se entregou com um inabalável devotamento. A ela sacrificou a juventude, o esforço diário da acção, vivido em rigoroso anonimato.

Estudante da Faculdade de Direito abandonou os estudos para seguir os duros trilhos da clandestinidade. Para se bater pelo Povo que ela amava com a simplicidade das suas maneiras, mas com a grandeza do seu devotamento sem limites.

Em mais de uma dezena de anos de vida clandestina, Helena Magro provou nos duros sacrifícios, nos perigos constantes, como eram profundas as suas convicções como era grande o seu amor ao Povo. O fascismo é responsável pela sua morte, porque lhe impediu a possibilidade de tratar-se, porque a forçou à dureza da vida clandestina até ao ultimo momento em que prestes a ser mãe a

sua vida corria grave risco. Morreu porém antes de poder respirar o ar da liberdade e de usufruir as alegrias de uma existência normal.

\* MARIA ISABEL ABOIM INGLES - Professora da Faculdade de Letras

Maria Isabel Aboim Inglês: o fascismo expulsou-a da Faculdade de Letras. Encerrou-lhe um colégio. Proibiu-a de partir para o Brasil, onde a aguardava uma cadeira na Universidade de S. Paulo. Esforçou-se do modo mais vil para a condenar à miséria, para forçá-la a renunciar à luta pela democracia, de que foi uma das mais devotadas combatentes.

Uma resistência indomável caracterizou a vida desta corajosa lutadora. Não se vergou. Não cedeu. Não renunciou à luta. Foi presa. Caluniada. Perseguida de mil maneiras. Mas a sua inquebrantável coragem, a dignidade da sua vida, a força dos seus ideais deram-lhe a estatura de uma mulher invulgar.

Passarão os anos. E quanto mais o tempo avançar, maior projecção terá o nome de Maria Isabel Aboim Inglês, para as mulheres que lutam, para os portugueses e portuguesas que constroem um novo Mundo.

\* MARIA LUISA SILVA NEVES - fisioterapeuta

Maria Luisa Silva Neves. Para esta extraordinária figura de combatente, o exílio de 20 anos no Uruguai, foi uma ferverosa caminhada em defesa da causa do nosso Povo e pela libertação dos

presos políticos portugueses.

Maria Luisa Silva Neves aliava a um excepcional espírito empreendedor, uma vontade indomável de lutadora que nenhum obstáculo fazia vergar.

O belo sonho de Maria Luisa Silva Neves, pelo qual tanto batalhou, era conseguir organizar na América Latina um grande movimento democrático de mulheres portuguesas emigradas, dispostas a lutar pela causa do Povo Português.

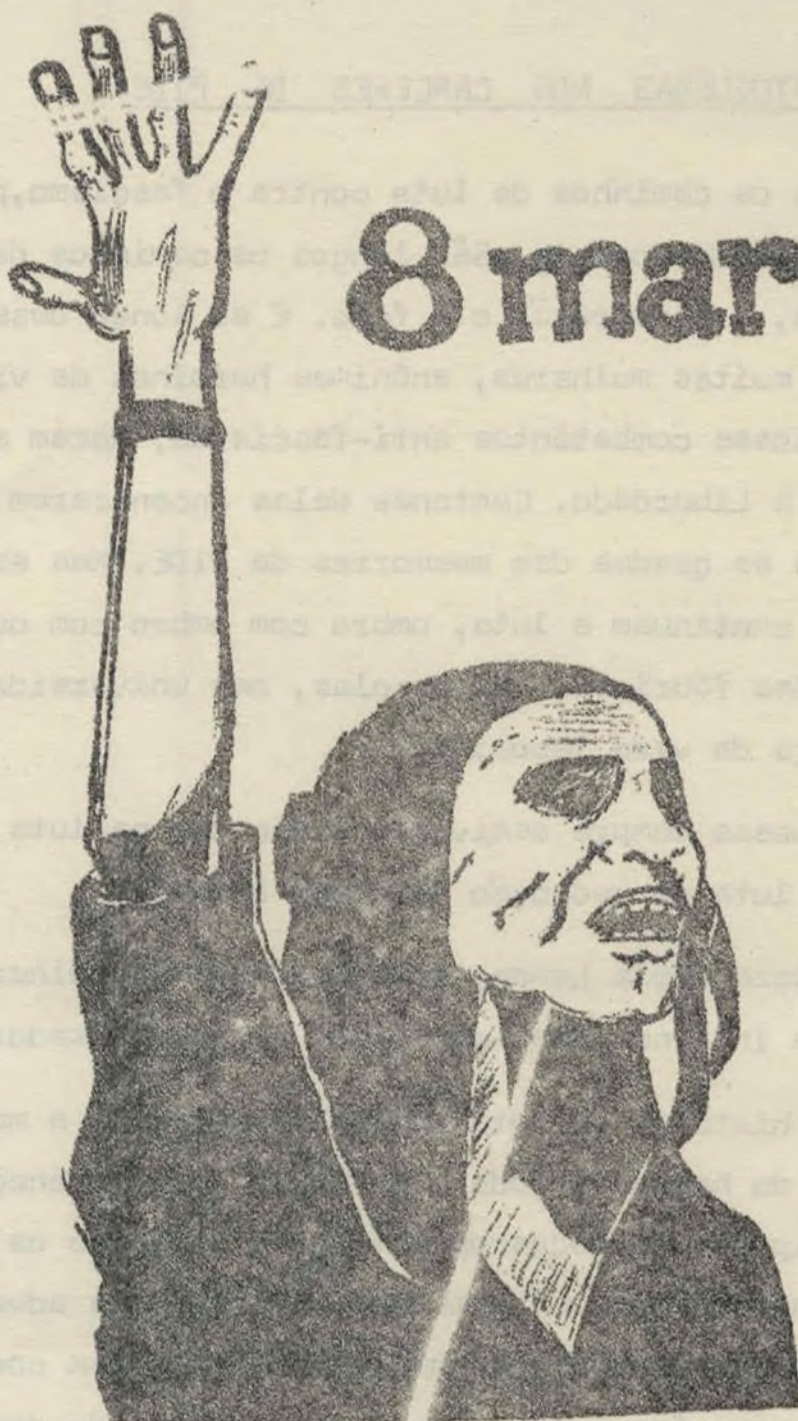
As poderosas campanhas desenvolvidas por Maria Luisa Silva Neves no Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, muito deve a libertação de várias e várias das nossas compatriotas encarceradas. Com a sua morte, em Fevereiro de 1968, as mulheres portuguesas perderam uma valorosa companheira, uma vida dedicada à luta, uma valorosa patriota que se devotou apaixonadamente à grande aspiração de ajudar a libertar o nosso Povo.

Glória às grandes combatentes da democracia, que lutaram, sofreram e morreram fieis a nobres princípios de justiça, de amor de paz, de fraternidade entre os homens e entre os povos.

Glória a quantas mulheres em Portugal têm sabido contribuir com coragem e altruísmo na vida para a tarefa de preparar o dia em que o Povo conquiste a liberdade e as mulheres festejem o momento histórico da sua igualdade social, da sua emancipação.

\*\*\*\*\*

# 8 março



POSTAL PROVISORIAMENTE DISTRIBUÍDO  
EM PORTUGAL ALUSIVO À JORNADA  
INTERNACIONAL DA MULHER.

## MULHERES PORTUGUESAS NOS CARCERES DA PIDE

São longos e arduos os caminhos da luta contra o fascismo, pela Paz, pela Liberdade e Democracia. São longos os caminhos da luta contra a miséria, a exploração e a fome. E ao longo dessa caminhada heroica, muitas mulheres, anónimas heroínas da vida clandestina, audaciosas combatentes anti-fascistas, deram a sua vida em holocausto à Liberdade. Centenas delas encontraram no caminho da sua luta as grades das masmorras da PIDE. Mas as mulheres portuguesas continuam a luta, ombro com ombro com os homens, nos campos, nas fábricas, nas escolas, nas universidades em todos os sectores da vida laboriosa.

As mulheres portuguesas sempre estiveram presentes na luta contra o fascismo, na luta de redenção da nossa Pátria.

Como disse a escritora Maria Lamas, numa mensagem às mulheres portuguesas, no dia Internacional da Mulher do ano passado:

"Quando se fizer a história da luta do Povo Portugues, a mulher aparecerá ao lado do homem em toda a grandezza da sua abnegação e coragem, participando em todos os combates, correndo os mesmos riscos, sofrendo os mesmos tormentos. Mas nenhuma adversidade, mas nenhum golpe destruidor conseguiu ainda, nem conseguirá jámais, vencer a força do animo, a capacidade de dedicação e resistência da mulher que luta conscientemente pelo mais alto e nobre ideal humano: a Liberdade, a Justiça e a Paz, na sua Pátria e no Mundo".

Seria longo recordar aqui todas as mulheres portuguesas que têm sido vítimas do fascismo. Vamos apenas falar de algumas, que continuam no reduto Norte do Forte de Caxias, onde expiam o crime de quererem para a sua Pátria uma vida de Liberdade, de Progresso, de Justiça e de Paz.

\* FERNANDA PAIVA TOMAZ - formada em Letras. A sua resistência contra a PIDE começou no momento de ser presa. Foi torturada e insultada. Das brutalidades policiais sofridas resultou uma doença nervosa. Mas resistiu. Não falou. Foi condenada a 8 anos de prisão com medidas de segurança.

\* COLELIA FERNANDES - Operária. Presa por várias vezes, cumpre agora 5 anos de prisão e as famigeradas medidas de segurança.

\* OLIVIA SOBRAL - Operária. Interrogada e torturada brutalmente juntamente com o seu marido. Estava grávida quando foi espancada tendo abortado por esse facto. Apesar dessa circunstância dramática, a sua resistência moral não vergou ante a violência dos seus carrascos. Foi condenada a três anos e três meses com medidas de segurança.

\* CUSTODIA CHIBANTE - Trabalhadora. Torturada durante quatro dias e quatro noites, violentamente espancada com um cacete de borracha. A PIDE sabia que ela havia sido vítima de um ataque de paralisia uns anos antes, mas não respeitou o estado físico desta combatente anti-fascista. Foi sujeita à tortura da privação do sono. Recusou-se a fazer qualquer declaração. Cumpre a pena de dois anos, com medidas de segurança.

\* AURORA PIEDADE DINIS PARENTE - Trabalhadora. Foi torturada de modo tão bárbaro que a sua saúde inspira grandes preocupações. Cumpre dois anos de prisão com medidas de segurança.

\* MARIA DA CONCEIÇÃO MATOS - Operária. Submetida à tortura da privação do sono durante 12 dias, na sede da PIDE em Lisboa. Recusou-se a prestar qualquer declaração. A PIDE, perante a sua corajosa atitude, obrigou-a brutalmente a despir-se, submetendo-a nesse estado à tortura da estatura durante vários dias. Continuou a resistir. Não falou. Torturada novamente teve que



ser conduzida ao hospital em estado de saúde alarmante. Voltou a ser presa recentemente e encontra-se na Fortaleza de Caxias.

Companheira que nos escutas:

Estes são alguns exemplos das inúmeras mulheres portuguesas que não prestaram declarações, que não denunciaram os seus companheiros de combate. Sigamos o seu exemplo de luta e de firmeza e prestemos-lhes homenagem.

\*\*\*\*\*

### GUERRA COLONIAL - UM CRIME E UMA AFRONTA

A guerra colonial figura no primeiro plano dos múltiplos males que assolam a nossa Pátria.

Mais de 40% do orçamento do Estado, é gasto na guerra. Mais de 100 mil portugueses estão longe de Portugal, lutando em terra estranha, por interesses estranhos.

Mulheres Portuguesas! Se a terra onde se luta não é nossa, se não são nossos os interesses que se defendem, são nossos os soldados que matam e morrem na guerra.

Há oito anos que o Governo sacrifica na guerra colonial a nossa juventude.

Há oito anos que milhares de jovens são forçados a abandonar as suas profissões, os seus estudos, as suas famílias, pelo campo de massacre da guerra.

Muitos destes jovens não voltam mais.

Outros regressam profundamente marcados pelos crimes e brutalidades que cometeram ou viram cometer.

Ao sacrificar os nossos jovens a uma causa injusta, o Governo ameaça o futuro da Pátria.

Mulheres anti-fascistas, mães e esposas dos soldados! Nós te-

mos que organizar a nossa luta; nós temos que mostrar ao Gover  
no que não estamos de acordo com a sua política de guerra.

Nós, mulheres portuguesas, temos de erguer a voz contra a con  
tinuação da guerra colonial; temos de forçar o Governo a ouvir  
-nos.

Não é o Movimento Nacional Feminino, não são as esposas dos  
fascistas interessados nas guerras coloniais, que representam  
as mulheres de Portugal. As mulheres anti-fascistas e anti-co  
lonialistas não podem consentir que um movimento não represen  
tativo da população feminina, continue em nome das mulheres  
portuguesas a apoiar vergonhosamente crimes cometidos contra  
povos que lutam pela sua libertação.

Nós não podemos consentir que em nosso nome, o chamado Movimen  
to Nacional Feminino distribua medalhas às mães que perderam  
os seus filhos na guerra.

Não queremos mais medalhas nem condecorações.

Queremos sim, que a nossa Juventude não seja sacrificada a de  
fender interesses que não são os do nosso Povo.

Queremos os nossos jovens na nossa Pátria, a construir com o  
seu trabalho e o seu entusiasmo, o Portugal de amanhã.

#### ALGUNS QUADROS DA "PROTECCAO A MULHER E A CRIANCA"

##### = DA CRIANÇA

Nos "bairros da lata", auténticas colmeias humanas que circun  
dam os principais centros urbanos, milhares de crianças vivem  
sem as mais rudimentares condições de higiene, sem ar e sem  
luz. Só em Lisboa, um inquérito do insuspeito "Diario Popular"

que a censura não deixou publicar, revelava a existência de 18.548 menores nestas "colmeias", 5.000 das quais não contavam ainda 4 anos de idade.

As creches, legítima aspiração das mães trabalhadoras, não têm dado ao fascismo e ao patronato o menor cuidado. A este respeito, existe um decreto que prevê a criação de uma creche junto de cada fábrica onde trabalhem mais de 50 mulheres. Este decreto data de 1891. Durante os 43 longos anos em que tem teinado o corporativismo salazarista nada achou para dizer sobre o assunto, para grande regozijo do patronato. Decorridos 75 anos após a publicação daquele decreto, em Portugal contam-se pelos dedos as creches existentes junto de cada fábrica.

#### = DA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL

Nas fábricas, a exploração do trabalho feminino atinge indistintamente crianças e adolescentes. O mesmo acontece nos campos. A ganância do patrão não vê nelas mais do que máquinas rendosas para o seu capital.

Na fábrica Aldemiro e Mira, (fábrica de cortiça em Alhos Vedros), as aprendizes são obrigadas a trabalhar durante vários dias da semana sem nada ganharem e muitas delas são depois despedidas sem lhes ter sido pago qualquer salário.

Um explorador alemão, Alexandre Mann, dono de uma fábrica de malhas de Carnide, afirmava com todo o descaramento: "Pelo dinheiro que sou obrigado a pagar a um operário, tenho aqui cinco miudas a trabalharem horas a fio". Crianças de 13 anos e mulheres jovens trabalham nas piores condições de higiene e salubridade, submetidas às mais duras tarefas, pois têm estado a substituir dezenas de operários despedidos. Quando os últimos três operários despedidos pediam explicação àquele explorador, este limitou-se a dizer-lhes: "Com o vosso ordenado, pago

a 14 mulheres".

Em Alhos Vedros, numa empresa americana destinada à exportação de batas e camisas - A JEFFA - trabalham cerca de 1.000 mulheres, muitas das quais crianças de 14 anos. O trabalho cronometrado, atinge ritmos infernais. As operárias chegam a fazer mais de 7.000 casas de botões por dia. Os super lucros desta empresa americana são obtidos à custa da sub-alimentação, da anemia e outras doenças graves que atingem as trabalhadoras.

#### = DA EXPLORAÇÃO

Nas fábricas, nas empresas e em qualquer local de trabalho, a mulher trabalhadora, pela sua condição de mulher, é alvo de sofrimentos suplementares.

Porque é mulher, o seu salário é sempre inferior ao do homem, mesmo que produza trabalho igual.

Porque é mulher, sofre discriminações revoltantes durante o período de gravidez, quando o seu estado de saúde suporta dificilmente a impiedosa exploração patronal.

\*\*\*\*\*

#### MENSAGEM A UNIAO DAS MULHERES ARGELINAS

#### POR OCASIAO DO DIA 8 DE MARÇO

As militantes da Frente Patriótica de Libertação Nacional enviaram à União das Mulheres Argelinas a seguinte mensagem:

Queridas Amigas,

As militantes da F.P.L.N. de Portugal sentem-se felizes por poderem dirigir às mulheres Argelinas as suas saudações fraternas no di Internacional das Mulheres.

Na origem da nossa amizade e dos laços que nos unem na nossa

acção política, está o vosso passado ainda bem vivo, de luta pela libertação da vossa Pátria da dominação colonialista, e as nossas acções e lutas pela libertação da nossa Pátria do jugo fascista, e para apoiar o combate heroico dos povos de Angola, Guiné Bissau e Moçambique pela sua imediata independência e contra a dominação do colonialismo português.

Queridas Amigas Argelinas: vós desteis às mulheres do Mundo inteiro um nobre exemplo do alto nível de responsabilidade assumida pelas mulheres para com o seu Povo.

Os vossos imensos méritos são ainda hoje um encorajamento para milhares de mulheres - entre as quais as mulheres portuguesas têm a honra de se contar - que lutam na hora actual pela libertação das suas Pátrias do fascismo, do colonialismo, do racismo, do imperialismo.

Vós, no passado, e as mulheres vietnamitas no presente, marcastes etapas luminosas e decisivas na história da luta das mulheres pela libertação dos povos da agressão colonialista e imperialista.

Pela vossa heróica participação na luta libertadora do vosso Povo, vós conquistastes o direito, que já desfrutais, de participar na construção de uma nova sociedade no vosso País; de tomar em vossas mãos o imenso trabalho de promoção social das mulheres argelinas; de construir um futuro feliz para os vossos filhos.

Vós fostes um exemplo durante a guerra pela independência da Argélia e uma vez mais sois o exemplo em tempo de Paz, na vossa Pátria.

E tal não é menos comovedor, se se pensa no que isso representa de esforço para remover todo o peso da herança de mais de um século de colonialismo que ensombrou o vosso País e apagar todos os traços das vicissitudes de uma guerra como aquela que

vivestes.

Por tudo isto, lado a lado com as mulheres do Mundo inteiro, nós vos estamos reconhecidas.

As mulheres portuguesas sentem-se orgulhosas da sua luta contra o fascismo e contra as guerras coloniais.

O nosso trabalho, as nossas múltiplas acções e lutas no campo legal e clandestino, desencadearam o terror fascista. Centenas de mulheres têm passado pelas prisões em Portugal. Muitas aí têm permanecido perto de uma dezena de anos; muitas outras lá continuam, no momento actual, com a saúde arruinada e condenadas a pesadas penas.

Várias dessas mulheres pareceram vítimas da acção repressiva. E não se pode contar o número daquelas que seguiram a dura via da luta clandestina; entre estas, algumas há que contam mais de 20 anos consecutivos de luta indefectível.

Vós podeis compreender, queridas Amigas, o significado da nossa Jornada do 8 de Março em Portugal. O 8 de Março das mulheres portuguesas é a expressão de um combate pertinaz, é a expressão das lutas reivindicativas que conduzem às lutas políticas em que participam e por diversos meios, elas exprimem a sua condenação das guerras coloniais e resistência activa ao envio dos seus filhos para a frente de batalha.

Os nossos 14.000 refractários, que anualmente se recusam a fazer a guerra colonial honram as nossas mulheres, honram as suas mães.

Queridas Amigas Argelinas: estreitando as vossas mãos nas nossas mãos, neste dia que é para vós uma festa merecida, nós vos felicitamos pelos sucessos que já alcançastes nas tarefas de Paz do vosso País.

\*\*\*\*\*

MENSAGEM DIRIGIDA AS ORGANIZAÇÕES FEMININAS DOS  
MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, GUINE E MOÇAMBIQUE.

QUERIDAS AMIGAS,

Bem alto é o significado da Jornada de 8 de Março para aqueles a quem, como vós, se impõe na hora presente, como primeira tarefa da sua actividade de combatentes, participar na conquista palmo a palmo, do seu solo pátrio e nele lançar as primeiras pedras, que as vossas mãos fervorosamente vão moldando, para a construção de uma vida livre, progressiva e pacífica.

Queridas Amigas e Irmãs: as mulheres do nosso Povo e as mulheres anti-fascistas portuguesas sentem-se orgulhosas da sua aliança convosco, no sagrado combate contra o fascismo e colonialismo.

Sabemos como graças em grande parte ao vosso esforço, nas regiões libertadas, já vai longe o passado recente de situação aviltante e esmagador a que vos condenava o colonialismo português.

As vossas realizações são para nós também motivos de estímulo. Dolas chegam às nossas mãos as imagens que o Mundo vai conhecendo. Mas não só essas. Conhecemos também as dolorosas imagens de frágois corpitos de crianças queimadas pelo Napalm, trucidados pelos bombardeamentos das suas aldeias incendiadas, arrasadas. Esses e outros são os quadros em que ensinamos a ler aos nossos filhos a condenação do brutal colonialismo e a encontrar ali, a verdadeira face dos seus responsáveis; o fascismo português.

Queridas Amigas e Irmãs: a razão e a nossa consciência política levam-nos a não repousar sobre sentimentos; o tempo é de

ofensiva e as mulheres portuguesas estão presentes nela.

Por múltiplas formas, desde o início se tem manifestado a luta das mulheres do nosso Povo contra as guerras coloniais. Hoje, a participação das mulheres portuguesas nessa luta estende-se a sectores cada vez mais amplos.

Nas manifestações contra as guerras coloniais, cerram fileiras as nossas operárias, estudantes, intelectuais. E em algumas das suas lutas reivindicativas específicas, como nas lutas políticas contra o fascismo elas inscrevem as palavras de ordem: "Paz em Angola, Guiné e Moçambique! Independência imediata para os Povos das colónias portuguesas! Abaixo a guerra colonial!"

Estamos convosco, queridas Amigas, irmanadas num mesmo ideal, ansiosas do objectivo comum a alcançar. A grande força da nossa aliança está na consciéncia que temos de que em terrenos distintos pelejamos o mesmo combate pela Liberdade, pela Independéncia pela Paz, contra o inimigo comum.

Porque para todas nós o 8 de Março continua a ser o símbolo de uma grande meta a alcançar, cerremos as nossas mãos solidárias e confiantes, certas de que próximos estarão os tempos em que para todas nós também será de festa, o Dia Internacional da Mulher.

AS MILITANTES DA FRENTE PATRIOTICA DE LIBERTAÇÃO  
NACIONAL

\*\*\*\*\*



## MENSAGEM AS MULHERES PORTUGUESAS

Nós vos saudamos, queridas Amigas, e Companheiras, confiantes em que o 8 de Março de 1969 que se vive em Portugal e no Mundo inteiro, será mais um passo para a realização na nossa Pátria, do grande ideal que inspirou a comemoração do DIA INTERNACIONAL DA MULHER.

Mensagem de agradecimento é esta que vos dirigimos, a todas vós mulheres trabalhadoras e anti-fascistas de Portugal. De agradecimento pelo muito que vos deve a causa do nosso Povo na sua luta pela instauração de um regime democrático; na luta pelo respeito dos direitos do homem; na sua luta contra o terror e a repressão; na sua luta contra uma política mundial de guerra e designadamente contra as guerras coloniais; na sua luta contra a exploração económica e o baixo nível de vida; na sua luta pela verdadeira independência da nossa Pátria e pela independência dos Povos das colónias portuguesas.

De agradecimento ainda, são as nossas palavras pelos esforços que em multiplas oportunidades tendes desenvolvido defendendo os vossos direitos políticos sindicais e associativos.

Cada mulher portuguesa que se eleva, eleva Portugal.

Entre nós, a luta pela democracia é um duro combate que vós conheceis bem, nas pequenas como nas grandes acções. Assim o testemunha nas prisões fascistas, o numero daquelas a quem o ódio do regime não perdoa a coerência das suas posições, como não perdoa o espírito de sacrifício que nenhuma repressão intimida,

Queridas Amigas encarceradas na Fortaleza de Caxias: a constância de perspectivas com que por trás das grades e através das malhas cerradas da censura à imprensa e da censura prisional,

vós acompanhais o processo de desagregação do fascismo, é para todas as combatentes da democracia um exemplo de confiança inabalável na vitória das forças populares e democráticas em Portugal, como na vitória das forças da Paz no Mundo inteiro. Nós vos agradecemos a vossa admirável coragem.

Queridas Amigas e Companheiras. Novos horizontes se abrem ao combate, pela Democracia em Portugal. Para eles é necessário perseverar resolutamente.

As vossas mãos de trabalhadoras e anti-fascistas cerrar-se-ão, com redobrado entusiasmo e vigor, nesta nova etapa para a Libertação do nosso Povo.

\*\*\*\*\*

SECRETARIA DA COMISSÃO DE DEFESA DO Povo



F P L N - 13, rue Auber - ALGER.